



## ALTERIDADE E IDENTIDADE: UMA PERSPECTIVA EM CONSTRUÇÃO

**Paulo Roberto Miranda Veras (PG) - pauloveras@outlook.com, Raimundo Márcio Mota de Castro (PQ)**

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPGIELT/UEG)

**Resumo:** A noção de alteridade trata-se de um conceito flexível e que deve, portanto, ser vista de vários ângulos. De igual modo o conceito de identidade, encontra-se em constantes transformações e dessa forma constitui-se diariamente. A construção do homem contemporâneo apresenta-se como eixo norteador para a superação das questões que atrapalham seus relacionamentos e o processo de tornar-se sujeito. A alteridade vem recebendo variadas denominações, tais como: no mundo anglo-saxão – educação multicultural; na Europa – pedagogia do acolhimento, educação para a diversidade, educação intercultural etc. Contudo, é importante ressaltar que as suas definições partem todas de um mesmo significado: o de colocar-se no lugar do outro. O objetivo é fundamentar a importância da alteridade nas relações, atrelando a este conceito a importância da formação da identidade do sujeito. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico com base nos autores como Laing (2006), Silva (2000), Giddens (1991), que tratam do conceito de identidade e Trevisan (2006), Luckesi (1994), Abbagnano (1998), que fundamentam o conceito de alteridade. Pensar na alteridade e na identidade consiste no ato reflexivo e profundo, de se compreender as diferenças, afinal, são elas que, também, constituem a riqueza das relações humanas.

**Palavras-Chave:** Alteridade. Identidade. Construção Social. Relações Sociais.

### Introdução

Tratar sobre as relações pessoais dentro do campo da contemporaneidade, tem sido um grande desafio para educadores, pais e demais interessados no assunto. De igual modo, mostrar a importância do outro na nossa vida ou a importância que temos na vida do outro, tem sido uma constante batalha, por se tratar justamente de uma atual sociedade, que pauta suas respostas no imediatismo. Valores importantes tais como a bondade, a partilha, a ética, a alteridade (um olhar ao outro) tem perdido o sentido pouco a pouco e com isso também, o espaço para a reflexão nas atividades cotidianas do ser humano. As relações se coisificam muito rapidamente e o outro passa a ter menos importância dentro deste processo relacional.

Para Trevisan & Tomazzetti (2006), a consciência de si é fruto do reconhecimento do outro; portanto alteridade para mim e para si, como afirmam Silva, Machado e Bezerra (2013). É sob este olhar que se torna urgente a compreensão do que é alteridade, para que assim, possa ocorrer uma construção de valores com mais qualidade, visando ao bem-estar de todos os envolvidos, seja escola, alunos, professores, família e sociedade. A construção da noção de alteridade, passa pela noção da construção da identidade, e, conseqüentemente, dentro do que este conceito significa na contemporaneidade.



Como escolha do percurso investigativo, optamos pela pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica, procurando destacar a estreita relação entre os conceitos e alteridade e identidade (TREVISAN, 2006; SILVA; MACHADO; BEZERRA, 2013) e a relação destes com as relações sociais. A opção pela abordagem qualitativa seguiu os pressupostos de Minayo (2001):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21-22).

Por tratar-se das primeiras observações sobre estes fenômenos, optou-se pela pesquisa abordagem qualitativa, com objetivos de pesquisa exploratória, pois conforme Gil (2007, p. 41) a utilização desse percurso de pesquisa “proporciona maior familiaridade com o problema”. Quando aos procedimentos recorreu-se a pesquisa bibliográfica (GIL, 2007), fundamentando-se em leituras de textos e impressos e disponíveis em sítios de periódicos na internet.

### **Definindo Identidades**

Segundo Laing (1986, p. 78), “não podemos fazer o relato fiel de ‘uma pessoa’ sem falar do seu relacionamento com os outros” A identidade, portanto, é definida pela relação do indivíduo na sua relação com outros indivíduos ao seu redor, isto é, cada indivíduo se completa e se efetiva no relacionamento com os que estão à sua volta, em seu convívio. É na relação entre o eu e o outro que se constrói a identidade do eu.

Para o sociólogo britânico Giddens (1991), tais mudanças que colocaram no centro da experiência humana, o sentimento de risco que, segundo ele, aparece como marca característica do homem contemporâneo:

Hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo ou uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. É um projeto conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos: terapia e manuais de autoajuda de todo os tipos, programas de televisão e artigos de revistas (GIDDENS, 1991, p. 41).

Para Silva (2000, p. 81) “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”, pois para o autor, entre as duas relações está presente o poder e esta relação constitui o componente chave que tem por base a classificação que visa definir quem é a



“identidade” e quem é a “diferença”. A diferenciação, portanto, é responsável por (re)construir/(re)produzir a alteridade, por definir quem é o “outro”, e torná-lo identificável, (in)visível, previsível.

A identidade é resultante de um complexo e dinâmico equilíbrio onde a conquista e a distribuições de papéis precisam se harmonizar. É construída pela autopercepção, bem como, pela percepção que os outros têm do sujeito. Tal identidade deve contribuir para influenciar de maneira positiva o processo de alteridade, através de aspectos pessoais, sociais e cognitivos.

### **Um Olhar sobre a Alteridade**

A necessidade de pensar o sujeito contemporâneo a partir de sua relação com o outro se torna bastante problemática se não inserirmos, nessa reflexão, a questão da alteridade e a necessidade imediata da reconstrução de seu significado. É nesta configuração do desconstruir a imagem pronta da identidade, que podemos caminhar na questão da alteridade, tarefa difícil para uma sociedade que tem cultuado o individualismo e a sua valorização.

Arrisca-se dizer, que o grande desafio que se coloca ao processo da alteridade. É fazer com que este processo seja antes de tudo humanizado e libertador, construído dia a dia na troca de valores humanos. Neste sentido, Luckesi (1994) afirma:

O ser humano é social, na medida em que vive e sobrevive socialmente. Vive articulando com o conjunto dos seres humanos de gerações passadas, presentes e futuras. Não se dá isoladamente. A sua prática é dimensionada por suas relações com os outros. O ser humano é um ser histórico, uma vez que suas características não são fixas e eternas, mas determinadas pelo tempo, que passa a ser constitutivo de si mesmo. O ser humano sofre as determinações do tempo histórico; seu corpo, seus sentidos e sua personalidade caracterizam-se pela historicidade (LUCKESI, 1994, p. 110).

Para Trevisan & Tomazetti (2006), a alteridade é uma arma de resistência contra a “mesmice sistêmica”, pois, fora do âmbito da totalidade não pode haver novidade, entendida como a existência de algo fora do mesmo. É na ação da comunicação, do contato e na expectativa criada com o outro, estabilizada a partir de uma realidade, que a alteridade vai tomando forma e ganhando corpo. Já para a filosofia: “do latim alteritas. Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO, 1998, p. 34-35).

É a partir dos dois conceitos abordados que a educação pode contribuir para a efetivação dos mesmos dentro do contexto social, criando situações que promovam



relações mais sólidas, papel este, também, desenvolvido peça escola e pela sociedade. Portanto, identidade e alteridade, não são outros acontecimentos, senão o encontro que faz cada ser humano se constitua à medida que se permita e se abra o caminho do infinito do outro.

### Considerações Finais

Os apontamentos iniciais da pesquisa proporcionaram-nos uma melhor percepção dos conceitos pesquisados. Podemos compreender que identidade e alteridade, não são outros acontecimentos, senão o encontro que faz com que cada ser humano se constitua à medida que se permita e se abra o caminho do infinito do outro. É possível buscar um modelo de relação que não seja somente partidário, na medida em que toda perspectiva que se baseia nessa premissa, acaba privilegiando um dos lados. A intenção com este artigo foi mostrar que não se tratam de termos excludentes, mas de uma relação que é possível ser estabelecida e continuada na mesma estrutura.

### Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LAING, Ronald David. **Identidade complementar**. In: LAING, Ronald David. O eu e os outros: o relacionamento interpessoal. Petrópolis: Vozes. 1986.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SILVA, Soane Maria Santos Menezes Trindade; MACHADO, Márcia Alves de Carvalho; BEZERRA, Ada Augusta Celestino. Alteridade: para mim e para si. **Anais do XXI EPENN**, Recife: 2013.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI Elisete Medianeira (Orgs.). **Cultura e alteridade: Confluências**. Ijuí, 2006.